

Educação e cultura: diálogos entre um homem do campo e um cientista social¹

Sueli Teresinha de Abreu-Bernardes²

Resumo

Por meio do olhar de um antropólogo que dialoga com um homem rural e aceitando o fato de que é fugidio o limite entre o dizer e o não dizer, este artigo acolhe o risco de ser antes uma sugestão para se refletir acerca do que é a educação do que uma demonstração científica de um ponto de vista. Partindo de unidades discursivas de algumas obras de Antropologia Social, de Educação Popular e de uma entrevista realizada durante uma pesquisa no interior mineiro, é apresentada a leitura de fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação, em que se reflete o sentido do educar e do aprender para um cientista social e para um homem do campo brasileiro.

Palavras-chave

Educação. Cultura. Linguagem-e-situação.

1. Trabalho ampliado, originalmente apresentado na VI ANPED REGIONAL, em Campo Grande, MS (2003).

2. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás, professora do Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba; membro da Rede de Pesquisadores sobre o Professor da Região Centro-Oeste (REDECENTRO); coordenadora do Núcleo de Estudos sobre o Professor, a Arte e a Filosofia (NEPAFI) integrado à SE&PQ. E-mail: abreubernardes@terra.com.br.

Education and culture: dialogues between a countryman and a social scientist*

Sueli Teresinha de Abreu-Bernardes**

Abstract

Through the sight of an anthropologist that maintains a dialogue with a man from the country, and accepting the fact that the limit between the saying and the not-saying is fleeting, this article takes on the risk of being rather a suggestion for reflecting about what education is than a scientific demonstration of a point of view. Taking as a starting point some discursive units from works in the area of Social Anthropology and Popular Education, as well as an interview carried out during a research in the *mineiro* countryside, it's presented a reading of correlated fragments of language-and-situation, in which the meaning of educating and learning is reflected, both to the social scientist and to the Brazilian count

Keywords

Education. Culture. Language-and-situation.

* Amplified work presented originally at the VI REGIONAL ANPED, in Campo Grande – MS, 2003.

** Doctor in Education at the Federal University of Goiás; member of the Network of Researchers on Teacher of the Midwest Region (REDECENTRO), coordinator of the Nucleus of Studies on Teacher, Art and Philosophy (NEPAFI), integrated into the SE&PQ. E-mail: abreubernardes@terra.com.br.

Introdução

Um sentir é o do sentente, mas outro é o do sentido.

Guimarães Rosa

O fato de termos selecionado como referência para este artigo as palavras de um camponês que dialoga com um cientista social sobre o que é “aprender” e “educar” tem o objetivo de ilustrar o que chamamos de compromisso com a necessidade de aprofundar o olhar na educação como cultura. Contudo, por meio da concepção de um educador-antrópologo (ou seria antropólogo-educador?), desejamos antes descrever algumas dimensões do ato de educar, do que fazer uma demonstração científica de um ponto de vista.

O alcance deste texto é, portanto, ressaltar concepções originais de educação de um folião de Reis, o camponês mineiro Antonio Cícero de Souza, o Ciço, e as idéias fundamentadas em uma antropologia da educação, pensadas por um cientista social, Carlos Brandão, entrevistador do sertanejo. As leituras cruzadas de recortes de um e de outro constituíram o procedimento para este estudo teórico.

A opção pelo tema educação e cultura partiu de reflexões sobre o que consideramos uma grande lacuna na formação de professores. Há um “misterioso hiato entre a teoria antropológica e a educação, enquanto um campo especial de conhecimento e de práticas sociais” (BRANDÃO, 2001, p. 15). Pesquisadores da antropologia e educadores não se dedicam a um diálogo profícuo e constante para o estudo do acontecimento da educação como um momento motivado da cultura.

Essa opção não foi ao acaso. Escolhemos uma obra de referência para refletir o pensamento sobre educação desse cientista social que chega ao campo pedagógico pela educação popular e pelos movimentos de

cultura popular. O livro escolhido permite-nos observar um conceito de educação construído a partir de uma concepção de educação como cultura, de modo conscientemente rigoroso para o cientista, e que sintetiza as reflexões ao longo de décadas de pesquisa. O próprio autor revela³ que o seu pensamento sobre a educação está nos seus livros, especial e atualizadamente nesse em que este artigo se fundamenta: *A educação popular na Escola Cidadã* (BRANDÃO, 2002).

Além disso, recorreremos brevemente a outras obras do mesmo autor, até mesmo para acompanhar o modo de construção teórica do antropólogo que está sempre em diálogo com outros autores das diversas áreas do conhecimento, com diferentes linguagens, e dedicado a ouvir e compreender o homem rural.

A opção pela entrevista com Ciço, transcrita em *Lutar com a palavra* (Brandão, 1985), deve-se a uma fala que atrai pela sabedoria e originalidade, como será observado pelo leitor deste artigo.

Baseados em Orlandi (1984), entendemos texto como unidade de significação, ou melhor, enquanto processo de significação em que entram os elementos do contexto situacional. O texto é a unidade que se define como tal em seu uso, definida no processo de interação entre falante e ouvinte. É uma unidade diferente da soma de frases. Instala-se no domínio da significação como multiplicidade (polissemia, efeito de sentidos) e não como informação cuja organização deriva do caráter linear atribuído à linguagem. O texto é o todo em que se organizam os recortes. Esses constituem unidades discursivas, fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Desse modo, trabalhamos com recortes dos textos acima citados para alcançarmos a idéia de polissemia — multiplicidade de sentidos — e não a de informação — mensurável, factual,

3. Informação verbal, UFG, Goiânia, outubro, 2003.

linear. Por isso, os recortes são construídos no diálogo com as escritas escolhidas e não obedecem a tempo e espaço dos textos originais. Se a ideia de recorte salienta o conceito de interação e de confronto de interlocutores, não há um centro (um sentido literal) e suas margens (efeitos de sentido), ou seja, não há centro, só margens. “A ideia de movimento, a de fragmento, a de múltiplo, a de fugaz, não devem meter medo” (ORLANDI, 1984, p. 14-24).

A organização e a interpretação desses recortes obedecem a um critério da própria sensibilidade, e não de uma hermenêutica. É na filósofa Susan Sontag (1987) que nos baseamos ao propor uma “contrainterpretação” em nossas leituras. No início de seu livro, em “Notas e alguns agradecimentos”, ela diz ao leitor: “no final, o que escrevi [...] é uma estética, uma teoria de minha própria sensibilidade”. Que tipo de crítica, de comentário, então, é desejável hoje, não só à obra de arte, mas a outras produções humanas? Sontag responde: é a [contra] interpretação que “pressupõe a experiência sensorial [...]. Devemos aprender a ver mais, ouvir mais, sentir mais [...] mostrar como é que é, [...] e não mostrar o que significa” (1987, p. 6-23). O que ressalta é que “a interpretação é somente outro modo de tornar compreensível e comunicável a própria sensibilidade humana”.

Pensamos que leituras, assim percebidas, nos dizem sobre

como transformar na inteligência e na sensibilidade de cada pessoa humana e também na cultura em que ela habita em sua era de história, os dados em informações, as informações em conhecimento e o conhecimento em sabedoria. Isso ocorrerá em uma consciência contínua e crescentemente devotada à busca partilhada por professores e alunos empenhados em se reconhecerem por meio do diálogo na procura conjunta do saber (ABREU-BERNARDES, 2007, p. 11).

Em vários textos – talvez em todos os que

lemos – a sensibilidade parece ser a teia sobre a qual Carlos Brandão tece as suas ideias. Nas suas falas – conferências, aulas e mesmo nos diálogos informais – ele nos apresenta essa dimensão sensível. Do mesmo modo, isso ocorre em suas obras, como *Memória sertão: cenários, cenas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão* (1998), *O Jardim da Vida* (2004), *No rancho fundo: espaços e tempos no mundo rural* (2009) e tantos outros. É uma sensibilidade dedicada ao rural e à educação popular.

José de Souza Martins (apud BRANDÃO, 2007, p. 15), o identifica como “um caipira legítimo nascido em Copacabana”, que

[...] largou-se um dia pelas veredas do mundo, para ver de perto o fantástico da vida do povo sertanejo, que lhe chegava às mãos, descrito nos relatórios do Movimento de Educação de Base, onde trabalhava. Encostou-se nos ranchos e palhoças, indagando, olhando, querendo saber das coisas, fazendo espontaneamente o bacharelado de sua vocação, em antropologia, com alguns dos melhores mestres do país: os camponeses analfabetos das roças e dos povoados.

Da roça, como diríamos aqui em Minas, para o sertão foi apenas mais um passo. O lugar das sociedades e culturas humanas, denominado sertão, tornou-se um apelo de experiências fortes e fecundas após sua descoberta e conversão a João Guimarães Rosa. A pesquisa nesses espaços ocorre até os dias atuais.

A algumas linhas atrás nos referimos a uma entrevista com Ciço. Pois foi em uma dessas andanças, fazendo pesquisa de campo em regiões rurais, mais precisamente no interior de Minas, num sítio na estrada entre Andradas e Caldas, entre a tarde e o começo da noite de um dia de janeiro em 1980, que o antropólogo pesquisador encontrou Antonio Cícero de Souza, o Ciço, um folião de Reis, em um local de descanso. E ali se realizou uma das mais sábias e bonitas falas sobre a educação.

Como é que o povo aprende?

O menino baixa a cabeça, daí ele escuta; aprendeu, às vezes não esquece mais nunca.
(Ciço apud BRANDÃO, 1985)

Aprender é um processo sem-fim.
(BRANDÃO, 2002)

Iremos, por meio de recortes e alguns comentários aqui e ali, dizendo, por meio de Ciço e Brandão, algumas reflexões sobre a educação. Algumas citações são longas, mas nossa intenção é instigar o leitor a comparar um pensamento da academia a idéias originárias do cerrado dos Gerais.

Do diálogo com Ciço, publicado em *Lutar com a palavra* (BRANDÃO, 1985), apresentamos o primeiro recorte, conservando a linguagem coloquial:

— Eu queria saber como é que as pessoas viram folião. [...] Quer dizer, como as pessoas vão sabendo o que não sabiam. Ciço, como é que o povo aqui aprende?

— Bom, eu penso que há de ser conforme o senhor viu acontecendo lá. Como é que foi? Um canta, o outro olha, aprende. Um canta, o outro escuta, os outros companheiros dele, lá, estão escutando. Aquilo vai, vai no sentido de um, do outro. Um ouve, repete. [...] E vai, e vai, e é desse jeito que vai. Então... aí, então, canta um que é o mestre... sabe, o que sabe. Canta. Os outros repetem. Não é? Repete no toque da viola, violão, tudo. Repete no jeito de cantar. Mas já é outro tom. Já é outro. Não é mesmo? Principalmente aquele que vai ficando pro fim e só ajunta aquele grito no fim, bonito. Um grito fino, esticado (p.161)

— Agora Ciço, [...] então o que você tá dizendo é que cada um vai olhando quem sabe e vai aprendendo?

— Quem aprende é de menino. De criança? Pois é de muito cedo. O senhor vai e fala com um folião daqui, de Caldas, de Poços, de qualquer lugar. Tem poucos que não começou

de menino, assim, ó [mostra com a mão perto do joelho]. [...] Então o menino chega, tem sete anos, tem oito. Pede: “pai, posso ir na Folia?” O pai fala: “bom, se você quer ir, quer ajudar, então pode”. [...] O menino vai, acompanha. Vai outro ano, outro ano. Daqui a pouco tá sabendo. Ouvindo, ouvindo, ouvindo. Vai ouvindo, vendo, presta atenção aqui, ali. Vai aprendendo. Um dia apanha uma viola. O pai ensina, às vezes, às vezes não. Mas tem muito pai que ensina. “Põe dedo aqui, menino, assim, agora toca aqui, assim”. Com o tempo o menino vai sabendo. E mesmo que ninguém não ensine, ele aprende o ensino dele mesmo. De ver os mais velhos, de fazer igual, errando, pelejando. [...] Cachorro aprende. Aprende com eles, aprende com nós, com o homem. Não é assim? Então. Criança aprende também, só que mais. Tá em casa, uma filha olhando uma mãe. Tá aprendendo. Um filho na roça olha o pai, vê como ele faz. Faz o mesmo jeito, aprende (p. 162-163).

Ciço fala do ensinar e do aprender, mostrando que o que se ensina e o que se aprende nas beiras dos sertões é sempre algo relacionado com a vida; é sempre algo motivado; é contextualizado e adequado àquele momento da vida humana. Como a escola tem a aprender com o sertanejo! Como nos diz o antropólogo:

[...] as gentes do povo têm os seus modos próprios de vida e a sua própria cultura popular, têm também as suas agências e redes populares de reinvenção da vida e da cultura. [...] Tal como os índios, os camponeses têm também o seu saber, criam as suas próprias estruturas de socialização, formam e consagram os seus próprios mestres e reproduzem, com os instrumentos e artifícios de sua própria educação, a sua sabedoria (BRANDÃO, 1985, p. 20).

Brandão constrói suas teorias de educação e de antropologia no diálogo com as ciências, mas igualmente *de e para* o homem rural, a quem ele reconhece profunda sabedoria. Continuemos a buscar como ele pensa a educação, pois o sentido que ele lhe dá poderá facilitar o diálogo entre educadores e antropólogos.

O que é educação?

Então que podia ser um tipo duma educação até fora da escola, sala. Que fosse assim misturado com-de-todo-dia da vida da gente daqui.

(Ciço apud BRANDÃO, 1985, p. 169).

Cícero, tem gente que fala de outra educação. Fala de Educação Popular. [...] uma educação para o povo mesmo. [...] em que ele não fosse só estudar, receber tudo pronto. Que ali fosse um lugar de pensar a vida dele, a sua situação (BRANDÃO, 1985, p. 167).

Seguindo a trilha proposta pelo próprio autor, voltamos ao *Educação Popular na Escola Cidadã* (2002) para enfatizar recortes da Introdução e do capítulo três, *O Trabalho de Ensinar*, que consideramos fundamentais para re-constituir o seu conceito de educação por melhor sintetizar a integração entre educação e cultura.

Ao refletir, logo no início, sobre o “sobrenome” dado à educação a qual se refere – a popular, a do povo – certo estranhamento a mais teorias prevalece em Brandão. Para ele, se se quer pensar a educação revisitando homens e culturas, interagindo com pessoas por meio da cultura com seus símbolos e seus sentidos, então, se lida, necessariamente, com criações artísticas. Inúmeros mestres da pintura, do cinema, da literatura e da fotografia elegem, como temáticas de suas obras, os rostos, os olhares, as falas e os gestos dos humildes. Esse pode ser um caminho para começar a pensar a educação popular. E, nesse contexto, o antropólogo-educador apresenta-nos as suas perguntas:

Quais as razões pelas quais outras pessoas, em outros tempos e agora, escolheram para as suas artes e ofícios os mesmos corpos de seres humanos, as mesmas faces, os mesmos gestos e os mesmos cenários costumeiros aos educadores populares? Por que essas escolhas? [...] Quem é o povo? Olhem essas obras. Muitos anos depois, bem pode ser o caso de perguntar pela razão das escolhas

de Sebastião Salgado. O que pensarão de suas fotos de pobres, de trabalhadores maltrapilhos, homens e mulheres, moças e meninos dos cortes de cana, e de meninas dos acampamentos dos Sem Terra? (BRANDÃO, 2002, p. 31).

Segundo o comentário do cientista social, no prólogo de *Trabalhadores: uma arqueologia da era industrial* (2007), Sebastião Salgado sugere “que não retrata essa gente por um deleite do olhar. [...] Fotografando faces e corpos dos deserdados da Terra, ele quer testemunhar os descaminhos da situação de vidas condenadas”. É possível dizermos com o antropólogo, após lembrar vários outros artistas, poetas e insubmissos como Van Gogh, Picasso, Bruegel, Charles Chaplin, Glauber Rocha e Guimarães Rosa, que os espaços de onde se pode partir para falar de educação popular são essas mesmas “pessoas postas à margem: os muito pobres, os servos, os excluídos, os migrantes ‘sem eira nem beira’, os aquietados, mas sempre à beira da revolta” (BRANDÃO, 2002, p. 32-33).

Em uma arte sensível ao que há de humano nessas vidas de um povo pobre, o artista escolhe esse povo sem rosto para convertê-lo em personagem principal, deixando que expresse os seus desejos, sentimentos, revoltas, desespero. Assim também a educação popular em um gesto pedagógico – e nem por isso menos poético – escolhe falar com eles, entre eles e a respeito deles.

Mas o que é, ou como deve ser a educação, segundo o antropólogo? Ela deve estar dirigida à formação da pessoa segundo a vocação individual de cada um e voltada ao diálogo e à comunicação. Não apenas como uma metodologia de ensino, mas como “a própria finalidade da educação”. Um constante abrir-se ao outro na partilha, na cooperação, na solidariedade e na responsabilidade. Essa é a vocação do ser humano: sermos co-irmãos da vida, não só dos homens, como de todo o universo. O ato de educar destina-se, ainda,

ao ressurgir constante de todos os direitos e valores humanos, em um mundo onde, de um modo crescente e quase impositivo, assistimos tantas interações de ideias, de princípios de vida e de atuação social regido por anseios individualistas, muito mais do que por uma vocação de experiências com e para o outro.

Não é tarefa da educação a constituição da responsabilidade solidária, da justiça ou da liberdade, mas nada disso ocorre na vida social sem a educação.

Ela é co-responsável por estabelecer, interativa e culturalmente, as condições da criação e da circulação de saberes, de valores, de motivações e de sensibilidades que gerem sem cessar pessoas humanas conscientes e amorosamente responsáveis pelos seus atos e gestos. Pessoas educadas para serem sensíveis o bastante para responder pela existência de mundos humanos destinados à realização plena da vida e da felicidade estendida a todas as pessoas (BRANDÃO, 2002, p. 188).

Isso supõe o gesto poético proclamado pelo filósofo mineiro Moacyr Laterza junto ao ato político, sempre enfatizado por Paulo Freire. Sensibilidade, mas, ao mesmo tempo, crítica. Para isso, professores sempre melhor preparados. Mestres voltados para a formação integral do ser humano; educação transformando-se em um fim em si mesmo e deixando de ser meio-para-alguma-coisa.

Se a educação forma pelo e para o diálogo, ela pode e deve ser continuamente enriquecida por outros campos de saberes, por diferentes tradições culturais, artes e inovações religiosas e espirituais, ideologias e projetos políticos. “A menos que alguém queira projetar uma educação completamente instrumental, mecânica e robotizante [...] ela sempre estará às voltas com sistemas de sentidos, com visões de mundo, com ideologias [...]” (BRANDÃO, 2002, p. 197).

A visão de mundo do autor expressa-se do mesmo modo em seus estudos, pesquisas e práticas ambientais. E o resultado disso é

um conceito de educação que se identifica, além dos princípios de uma educação popular, com uma “ecologia do saber”.

Um pouco mais longo, mas bem esclarecedor, é o trecho a seguir, no qual esse cientista referindo-se ao ambientalismo e à ecologia diz:

[...] um primeiro plano de conhecimentos mais concretos e mais utilitários a respeito das relações entre os seres da Vida em nosso Planeta e, de modo especial, entre nós e tudo o mais à nossa volta, no “mundo natural”, abre-se de uma maneira criativa e generosa a outros planos de conhecimento. [...] Abre-se a amplos vôos de uma compreensão mais integradamente *sábia* do que restritamente *científica*. A um saber que envolve compreensões cada vez mais **integradas** [...], mais **interativas** [...] e mais **indeterminadas**, pois onde havia certezas há agora a probabilidade, e onde havia uma fixidez do real e do pensamento há uma abertura ao fluxo, ao processo, a uma visão bastante mais orgânica e mais compreensivelmente holística (BRANDÃO, 2002, p. 202).

Com fundamentos nessa cosmologia dialógica, o pesquisador ambiental afirma que é preciso trazer para a sala de aula integrações significativas e criadoras de sentido e de motivações para buscar mais e mais conhecimentos situados nos pontos de intercomunicação entre as ciências e outras dimensões e tipos de saberes. A identidade da educação está justamente no reconhecer-se integrada a outras áreas científicas, relacionando-se com outros campos de saber e de criatividade, como a arte e a espiritualidade, e participante da incerteza e da indeterminação que gere mais e mais o mundo das ciências. No entanto, salienta, a teoria e a prática da educação possuem um lugar próprio, peculiar. Elas não se esgotam e nem se dissolvem em qualquer outro campo de conhecimentos sobre a pessoa humana, a cultura e a sociedade.

Esse integrar e interagir alcança a

inclusão digital, a inclusão tecnológica. O desafio que se apresenta ao professor não é o aprimoramento eletrônico, mas é o como educar sem distanciar-se do aluno, mesmo numa modalidade não presencial. O que Brandão enfatiza é que o trabalho docente é absolutamente atual. Os desafios do mundo e da sociedade necessitam do trabalho responsável do professor para a co-criação do saber na experiência cultural do aprender.

Igualmente, Ciço (apud BRANDÃO, 1985, p. 163), sem a oportunidade dessas reflexões teóricas de um cientista e educador, reconhece a importância de quem ensina, de quem faz, de quem mostra ao outro como se faz: “Criança aprende também, só que mais. Tá em casa, uma filha olhando uma mãe. Tá aprendendo”.

Sem pretender abarcar todo o conceito de educação do autor, queremos nos referir a mais dois aspectos. O primeiro diz respeito ao multiculturalismo no ensino. Uma educação que se pretenda multicultural vai além da tolerância ao diferente. O respeito ao diferente faz parte das regras para se educar o “cavalheiro”, mas não o cidadão. Esse verá o outro “em sua plenitude, tomado pelo que é, pelo como e por que se fez ser quem é em sua peculiar maneira de ser alguém que é ‘o meu outro’, justamente porque é diferente de mim”. Esse agir humano, ético e pedagógico vai da “tolerância sobre o outro” a um “reconhecimento do outro”. Isso significa “incorporar ao nosso cotidiano outras sensibilidades e outra visão do mundo e da pessoa” (BRANDÃO, 2002, p. 225-226).

Finalmente, pensando com Brandão a cultura (2002, p. 210-211), comentamos outra passagem de uma realidade existente em todas as dimensões humanas: o constante ato de criar. Sinfonias, alimentos, poesias, máquinas, paredes, medicamentos, brinquedos, materiais pedagógicos, danças, teorias... – “tudo o que é realizado na experiência cultural humana, no momento em que é inventado ou descoberto existe em estado de criação,

existe como ‘cultura viva’. Mas tudo o que existe depois existe como trabalho feito ou como cultura realizada”. É, então, “impressa, gravada, fabricada, construída e vive um momento adormecido da cultura de um povo”.

Essa é uma cultura pronta – uma tese, um bailado, uma lavoura, uma teoria psicanalítica, uma gramática, um poema, um método de ensino – mas não é uma cultura acabada. Permanece à espera de ser novamente chamada à vida da cultura. Um conceito de Marx reensinado em uma aula de sociologia; um poema de Adélia Prado lido em uma escola rural; uma teoria construtivista discutida em uma aula de psicologia, tudo retorna à vida da cultura, quando em qualquer escola uma professora, ou um maestro, ou um pesquisador, ou um operário retomam uma ideia criada.

O que dá à educadora a sua identidade e ao seu ofício o seu sentido é que ela responde, no universo de símbolos e de significados de seu cotidiano de vida social, pelo trabalho de recriar o saber por meio do gesto de recolocá-lo de volta em um momento de vida da própria existência da cultura humana. Este é o trabalho essencial de um professor (BRANDÃO, 2002, p. 213).

É a professora e o professor que retomam conhecimentos de uma cultura realizada, adormecida e os traz de volta à interação nos ambientes de aprendizagem tornando-os “cultura viva”.

Em outra parte, outro mundo, outra paisagem, lemos outra reflexão sobre o educar. A voz vem de Ciço, o homem da roça não menos sábio, não menos merecedor de ser ouvido. O contexto dessa entrevista já foi contado em páginas anteriores. Só acrescentamos o interesse em observar mais detidamente o que pensa aquele que não recebeu educação escolar na mesma intensidade que nós, relatores de suas palavras, tivemos acesso. Eis um trecho, longo, mas inevitável, extraído do livro Lutar

com a palavra (BRANDÃO, 1985, p. 164).

— Pra você o que é que é educação?

— *Agora complicou, professor [...] Agora, o senhor chega e pergunta: “Ciço, o que é educação? Tá certo. Tá bom. O que eu penso, eu digo. Então, veja, o senhor fala: “Educação”; daí eu falo: “educação”. A palavra é a mesma, não é? A pronúncia eu quero dizer. É uma só: “Educação”. Mas eu pergunto pro senhor: “é a mesma coisa”? “É do mesmo que a gente fala quando diz essa palavra? Aí eu digo: “Não”. Eu digo pro senhor desse jeito: “não, não é”. Eu penso que não.*

— É, Cícero, eu acho que você pode ter razão nisso aí...

— *Educação... quando o senhor chega e diz “educação”, vem do seu mundo, o mesmo... um outro. Quando eu sou quem fala, vem de um outro mundo. Vem dum fundo de oco que é o lugar dum pobre, como tem gente que diz [ri, ri de novo]. Comparação. No seu essa palavra vem junto com o que? Com escola, não vem? Com aquele professor fino, de roupa boa, estudado, livro novo, bom, caderno, caneta, tudo muito separado, cada coisa no seu jeito, como deve ser. Um estudo que cresce e que vai muito longe de um saberzinho só de alfabeto... uma conta aqui, outra ali. Do seu mundo vem um estudo de escola que muda gente em doutor. É fato? Penso que é, mas eu penso de longe [ri de novo]. Porque eu nunca vi isso por aqui.*

— Eu penso que a educação foi uma coisa boa para mim, Ciço. Mas lá onde eu estudei a gente aprendia a achar que educação é uma coisa que devia de ter da mesma maneira pra todo mundo. Estudo, saber, uma vida que melhora; tudo.

— *Então, quando o senhor vem e fala a pronúncia educação tem disso. Quando o senhor fala a palavra conforme eu sei pronunciar também, ela vem misturada no pensamento com isso tudo; recursos que no seu mundo tem. [...] Quando eu falo, o pensamento vem dum outro mundo. Um que pode até ser vizinho do seu, vizinho assim, de confrontante, mas não é o mesmo. A escolinha cai-não-cai ali num canto de roça, a professorinha dali mesmo, os recursos, tudo como é o resto da regra de pobre. Estudo? Um ano, dois, nem três. Comigo não foi nem três. Então eu digo: “educação” e penso: “enxada”; o que foi para mim.*

Uma escola existe como o processo e o produto de vidas, de imaginários, de afetos, de visões de vida e de mundo, de identidades, de pessoas que interagem sendo mulheres e homens, crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos. Cada ser-da-cultura, em cada momento de sua vida ou em cada posição cultural, vive o seu mundo de uma maneira peculiar. É essa peculiaridade que nos escapa ao pensar a educação nos cursos de formação de professores. O que nos diz Ciço é de modo muito tênue discutido, e mais que isso, compreendido em grupos de profissionais da escola. Estamos sempre envolvidos com conceitos e deixamos de observar o campo pedagógico, espaço onde se efetua o ensino “dos doutores”, mas que, em outros ambientes, ainda se realiza com a enxada.

E Antonio Cícero (apud BRANDÃO, 1985, p. 164-166) diz mais:

Tem uma educação que vira o destino de um homem, não vira? Ele entra ali com um destino e sai com outro. Quem fez? Foi estudo regular: um saber completo. Ele entra dum saber e sai do outro. Parece que essa educação que foi a sua, tem uma força que tá nela e não tá. Como é que um menino como eu vai mudar num doutor? Num professor? Agora, se eu quero lembrar da minha, “enxada”. Se eu quero lembrar: “trabalho”. E eu hoje só dou conta de um lembrarzinho: a escolinha, um ano, dois, um caderninho, um livro. Cartilha? Eu não sei, eu não lembro. Aquilo de um bê-a-bá, de um alfabetozinho. Deu para aprender? Não deu. Deu pra saber escrever um nome, pra ler uma letrinha, outra.[...] Aprende? Para quê? Porque eu vou dizer uma coisa pro senhor: pra quem é como esse povo da roça, o estudo de escola é de pouca valia. Porque o estudo é pouco e não serve para fazer da gente um melhor. Serve só pra gente seguir sendo como era, com um pouquinho de leitura.[...] Então, “educação”. É por isso que eu digo que a sua é a sua e a minha é a sua. Só que a sua lhe fez. E a minha? Que a gente aprende mesmo, pro usos da roça, é na roça...

Todos os escritos lidos, todas as falas ouvidas, toda a ciência pensada nos levaram

a Ciço. Com ele paramos e entrelaçamos os saberes do antropólogo e do mineiro camponês. Observamos, então, que agora fundamentamos melhor as nossas perguntas: como é que o povo aprende? O que é educação?

O ensinamento dessas leituras

E me inventei neste gosto, de especular ideia.
(ROSA, 2001, p. 26).

Do ponto de vista da antropologia, do olhar que pensa o humano por meio da cultura, que reflete a educação por meio da cultura, e partindo dos diálogos com autores e personagens aqui citados, pensamos que o grande ensinamento é o modo de aprender a partir de relacionamentos significativos entre pessoas, categorias culturais, saberes, visões de mundo, lugares daqui e dali, além de outras teorias. É necessário que nos relacionemos com outros homens e mulheres, fazendo disso convergências de reflexões comuns, dotadas de valor e de significados.

Aprendemos, refletindo com um cientista social, que é imperativo estudar a antropologia, as ciências sociais e todas as outras ciências. Mas não só. Se desejarmos uma compreensão mais ampla de educação, é preciso, do mesmo modo, assumir o olhar do antropólogo que constrói a sua teoria sempre interagindo, sempre buscando compreender o outro, incorporando o diferente. É necessário pensar a escola como um contexto privilegiado do acontecimento da cultura e refletir a educação como cultura, pois somos o que aprendemos “da” e “na” cultura de que fazemos parte. Algo que nos envolve e alcança desde o saber que construímos à comida que comemos.

Os significados de educar e de aprender, aqui apresentados, denunciam uma educação descontextualizada da realidade do homem do campo, de suas carências, de seus sonhos. Porém, apontam, sobretudo, a existência de um

mundo de pessoas postas à margem, os muito pobres, onde a educação escolar preconizada pelo sistema oficial de ensino não alcança, uma educação inócua. Nas roças, aprendemos mais nos círculos de cultura do que na escola. É o que inferimos da fala de Ciço (apud BRANDÃO, 1985, p. 166) ilustrada em mais essa passagem:

[...] nisso tudo tem uma educação, não tem? Pode não ter um estudo. Um tipo dum estudo pode ser que não tenha. Mas se ele não sabia e ficou sabendo é porque no acontecido tinha uma lição escondida. Não é uma escola, não tem um professor, assim, na frente, com o nome de “professor”. Não tem... Você vai juntando, vai juntando e no fim dá o saber do roceiro, que é um tudo que a gente precisa pra viver a vida conforme Deus é servido.

E Brandão, com outras palavras, mas com a mesma concepção, reflete sobre o lugar onde a educação acontece:

não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante (BRANDÃO, 1981, p. 9).

Olhar e refletir a educação na perspectiva da cultura aproxima-nos intensamente do real. Sem esse olhar corremos o risco de apreender o mundo como ele não é. Pois, não disse Ciço? “— [...] a gente fica pensando: ‘o que é que a escola ensina, meu Deus?’ Sabe? Tem vez que eu penso que pros pobres a escola ensina o mundo como ele não é” (apud BRANDÃO, 1985, p. 167).

Se para Ciço o “que a gente aprende mesmo, pros usos da roça, é na roça”, para o antropólogo, próximo a esse pensamento, a cultura é e está tanto nos atos e nos fatos por meio dos quais nos apropriamos do mundo natural e o transformamos em um mundo humano, quanto nos feitos com que criamos a nós próprios, ao passarmos de organismos

biológicos a sujeitos sociais, ao criarmos socialmente os nossos próprios mundos e ao dotá-los e a nós próprios de algum sentido.

Assim como a vida do que é vivo se esgota quando deixa de realizar trocas neo-equilibradoras com o seu meio ambiente, do mesmo modo a vida interior não pode manter-se viva sem estar a todo o instante apreendendo. Isto é, internalizando, interiorizando e reintegrando novos saberes.

Aprender é isso. Esse é também o sentido em que não se adquire conhecimento, da mesma maneira como não se dá ou não se transmite o saber. Na verdade, estamos sempre criando situações em que cada um, a cada momento, à sua maneira, no seu ritmo, e, segundo os seus jeitos próprios de interiorização de experiências significativas, integra em si o seu conhecimento.

Como todo conhecimento adquirido é, na realidade, uma criação pessoal vivida, em

uma relação interpessoal, aprender e criar são sinônimos absolutos. E, mesmo em uma situação pueril, criar é como pronunciar pela primeira vez a fórmula mágica que torna real a própria magia.

Se a aprendizagem não é uma acumulação provisória e utilitária de conhecimentos dirigidos diretamente ao exercício de habilidades parceladas, restritas e perigosamente mecanizáveis, quando não subordinadas a uma mente pensante, crítica, ativa, participante e criativa, se o aprender é, como vimos, uma atividade inerente a tudo o que é vivo e que responde pela totalização do ser de cada pessoa e pela realização de cada cultura, então, a função do educador ganha a dimensão de coautor de um processo importante da vida: o aprender. Sobretudo no caso de todos os sertanejos, em que esse agente está em sua própria roça.

Referências

- ABREU-BERNARDES, Sueli Teresinha de. **Narciso ao espelho**: reflexões de uma educadora sobre a escrita poética roseana. Caxambu, v. 1, p. 1-16, 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/grupo_estudos/GE01-2768--Int.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Lutar com a palavra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. **Memória sertão**: cenários, cenas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão. Uberaba: UNIUBE; São Paulo: Cone Sul, 1998.
- _____. Sobre teias e tramas de aprender e ensinar: anotações a respeito de uma antropologia da educação. **INTER-AÇÃO Revista da Faculdade de Educação da UFG**, Goiânia, v. 25, v. 26, n. 1, p. 9-30, jan./jun. 2001.
- _____. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- _____. **A Educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2007.
- _____. **No rancho fundo**: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ROCHA, Evandra. **O jardim da vida**. Goiania: Kelps; Editora UCG, 2004.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. Segmentar ou recortar. **Série Estudos**. Publicação do curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, n. 10, p. 9-26, 1984.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SALGADO, Sebastião. **Trabalhadores:** uma arqueologia da era industrial. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação.** Porto Alegre: L&PM, 1987.

Submetido em 28 de julho de 2010

Aprovado em 8 de março de 2011